

A VARIAÇÃO DO USO DAS FORMAS PRONOMINAIS *NÓS* E *A GENTE* EM POSIÇÃO DE SUJEITO ENTRE FALANTES DO PORTUGUÊS RURAL DE FEIRA DE SANTANA.

Iramaia do Nascimento Cerqueira¹; Sônia Moreira Coutinho²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, e-mail: iramaiaidez@hotmail.com
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes (DLA), Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, e-mail: sonicoutinho@bol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística, sistema pronominal, português rural.

Todas as línguas naturais passam por um processo de variação, que é uma condição do próprio sistema linguístico. Uma mesma língua pode apresentar diversas variações no seu uso, levando em conta fatores de níveis linguísticos ou extralinguísticos. Além disso, uma mesma pessoa pode utilizar a língua de acordo com a situação de comunicação; em casa utiliza uma modalidade mais informal, em seu trabalho usa uma linguagem mais formal, por exemplo. Como se sabe, o português brasileiro passa por transformações nos mais variados elementos de sua gramática, sejam eles nos níveis fonético, morfológico, sintático e lexical. A língua pode apresentar variação que diz respeito ao uso que fazem os interlocutores envolvidos. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, existem “formas alternadas de se dizer a mesma coisa num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”, o que vai denominar de variante linguística, conforme Monteiro (2000).

De acordo com Tarallo (1997:6), o fenômeno da variação ocorre em toda comunidade linguística, considerando que o caráter heterogêneo da linguagem é que vai caracterizar a diversidade linguística que é o objeto de estudo da Sociolinguística. A Sociolinguística é, portanto, um ramo de estudo da área da Linguística que se detém ao estudo da relação entre língua e sociedade, observando as propriedades da fala de um grupo e não apenas de um falante. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho analisa a variação das formas pronominais *nós* e *a gente* no português rural de Feira de Santana, levando em consideração o conceito de Variação Linguística proposto por Labov (1976) no sentido de identificar as variáveis linguísticas e sociais que tendem a favorecer ou desfavorecer o uso dessas variantes.

Para tanto, foram considerados os fatores linguísticos tipo de referência, a concordância com o verbo, a forma como se apresenta (explícito ou implícito) e o paralelismo oracional, assim como os fatores sociais sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, além de adotada a metodologia proposta pela Sociolinguística Variacionista que, a partir da consideração de variáveis explanatórias, pode se constatar se a variação caminha, ou não, para uma mudança. Foram utilizadas amostras de fala de doze informantes, retiradas do banco de dados do Projeto “*O sistema pronominal no português falado no semiárido baiano: um estudo em tempo aparente e em tempo real de curta duração*”, as quais fazem parte da “*Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*”, material organizado pela professora Dr^a. Norma Lúcia Fernandes de Almeida, do Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa/NELP-UEFS. Meu objeto de estudo foi parte desses inquéritos gravados, referente à amostra da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu), na qual contém entrevistas com moradores da Matinha e arredores. Após selecionar e codificar cada uma das ocorrências foi utilizado o programa VARBRUL/ GOLDVARB no qual os dados foram rodados para se quantificar os percentuais para cada variante e verificar os resultados apresentados.

O quadro dos pronomes pessoais do português brasileiro já não é o mesmo em consequência dos vários fenômenos que se encontram em variação no estágio atual da língua. Um desses aspectos referente ao quadro da realidade linguística do país, é o uso da expressão *a gente* entre os falantes do português do Brasil, como forma pronominal para designar a primeira pessoa do plural, em concorrência com o pronome pessoal *nós*. Após tratamento estatístico foram encontrados um total de 748 ocorrências, sendo 80 de *nós* (10,7%), explícitos

ou não e 668 de *a gente* (89,3%), explícitos ou não. Podemos observar que a variante inovadora representa oito vezes mais o número das ocorrências de *nós* para os falantes desta comunidade de fala. Além disso, no que refere ao uso dessas variantes, dois pontos merecem destaque; o primeiro é que foram apresentados dados considerados estigmatizados, como por exemplo, o uso de *nós* e *a gente* sem concordância verbal próprias. Foram 10 casos de *a gente* com verbos terminados em **-mos** (ex.: Inf: : “Aí meu sobrinho arranjou um carro, **a gente botemo** a gasolina e ele foi buscar a gente”) e 32 casos de *nós* com verbo na 3ª pessoa do singular (ex.: Inf: “...**nós tem** que trabalhar...”), somando um total de 42/748 ocorrências. O segundo ponto que merece destaque é em relação ao uso do pronome *a gente* com concordância verbal em 1.ª pessoa do plural. Menon (1997) levanta a hipótese de que o falante faz esse tipo de concordância por hipercorreção, isto é, por insegurança linguística. A concordância de *a gente* com forma verbal de morfema **-mos** é uma forma de demonstrar “erudição”, em sabendo que sua fala está monitorada. Conforme mostram os resultados, a substituição de *nós* por *a gente* encontra-se em um estágio muito avançado entre os falantes da comunidade de fala em estudo, o que pode-se afirmar que vem acontecendo um processo de mudança linguística do pronome pessoal do caso reto *nós* para a variante *a gente*.

Em se tratando de uma comunidade rural, percebe-se que foi categórico o uso da forma *a gente* no que refere aos fatores analisados. Entre os fatores sociais analisados, o sexo/gênero é um dos fatores relevantes na escolha da variante inovadora pelos informantes do sexo feminino, que utilizaram 69,7% das ocorrências contra 30,3% para os falantes do sexo masculino. A diferença de percentuais entre o sexo masculino e feminino é de 16,9%, tanto das mulheres para os homens em relação ao *a gente*, quanto dos homens para as mulheres em relação ao *nós*, o que demonstra que a preferência dos homens pela variante padrão. Em relação à faixa etária, percebeu-se que o uso da variante inovadora atua em percentuais bem próximos nas três faixas etárias, o que mostra que este não é um fator muito relevante. Os resultados mostraram que, quanto à idade, a distribuição é bastante equilibrada: 229 ocorrências são da faixa I (30,6%), 271 ocorrências são da faixa II (36,2%) e 248 ocorrências são da faixa III (33,2%).

Quanto aos fatores linguísticos, seu uso foi importante para verificar como os falantes se comportam ante essa variável; se generalizando ou especificando o uso do pronome para expressar um conjunto de pessoas, além de mostrar se esses falantes explicitam ou não o sujeito da oração. Em síntese, podemos perceber que todos os fatores contribuíram para o uso da forma *a gente*. Enfim, este trabalho tratou de avaliar qual a contribuição de cada categoria para a realização de uma ou de outra variante, pois na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores, comprovando que a variação não é aleatória, mas sim regulada por um conjunto de regras que são intrínsecas ou extrínsecas à língua.

REFERÊNCIAS

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

LOPES, CELIA REGINA DOS S..**Pronomes pessoais**. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). Ensino de gramática: descrição e uso. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTELOTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011, pág. 27-54.

MENON, Odete Pereira da Silva. **A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil?** In: Anais do II ELFE – Encontro Nacional sobre Língua Falada e Escrita. Maceió, 1997.

MOLICCA, M^a Cecília e BRAGA, M^a Luiza (orgs). **Introdução à sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** Petrópoles, RJ: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras.** V. 1. 2^a ed. São Paulo: 2001.

OMENA, Nelize Pires de. **A referência à primeira pessoa no plural.** In SILVA, Giselle Machline de O. e SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). Padrões sociolinguísticos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. **A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural.** In: NARO, A. et alli. Relatório final de pesquisa: projeto subsídios do projeto censo à educação. vol. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística.** 5^a Ed. São Paulo, Ática, 1997.